

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA

Administrador: P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO: F. Cordas, E. Ferreira,
M. Laranjeira, M. Lourinho, F. Mendes e E. Miranda

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIPOGRAFIA GOMES & RODRIGUES, LDA.

RUA ENG. VIEIRA DA SILVA, 12-B — LISBOA

Número avulso 2\$00

Assinatura anual 20\$00

ANO XIX

MARÇO 1958

N.º 138

PODER E EFICIÊNCIA NA DIRECÇÃO

Esta semana de oração apresenta um repto à eficiência espiritual dos nossos chefes. A chefia sem espiritualidade nas nossas sociedades e igrejas resultará numa indescritível perda para a nossa juventude. Em grande parte o que os chefes forem será a juventude.

A suprema oportunidade deste ano está diante de nós em estabelecermo-nos nos corações dos nossos jovens como seus chefes espirituais, e em trazermos-lhes uma nova visão do grande plano e propósito de Deus para as suas vidas.

Tal chefia deve custar-nos alguma coisa. Não se obtém num dia. Não se consegue dum dia para o outro. Surge do coração rendido e da vida que tem sido disciplinada na escola de Cristo. É o resultado da nossa própria visão clara de Deus e do Seu amor em Cristo. A própria vida do chefe é a vida da sua chefia. «O que o homem é, tem mais influência do que o que ele diz». — Ministry of Healing, p. 469.

A chamada para tal chefia enche-vos do senso da vossa incapacidade? Quando Moisés foi chamado a chefiar o povo de Deus, a divina ordem achou-o sem confiança própria e tímido. É-nos dito que «ele se encontrava oprimido com o sentimento da sua incapacidade para ser o porta-voz de Deus». — Id. p. 475. Como procedeu ele?

«Mas tendo uma vez aceitado a incumbência, ele entregou-se a ela com todo o seu coração, pondo toda a sua confiança no Senhor. A grandeza da sua missão pôs em acção as melhores possibilidades da sua mente. Deus abençoou a sua pronta obediência, e ele tornou-se eloquente, cheio de esperança e confiança própria e bem habilitado para a grande obra, jamais dada a homem algum. Este é um exemplo do que Deus faz para fortalecer o carácter daqueles que confiam plenamente n'Ele, e se entregam sem reserva aos Seus mandos.

«Uma pessoa ganha poder e eficiência, quando aceita as responsabilidades que sobre si Deus coloca, e com toda a sua alma procura qualificar-se para as levar a bom termo. Por mais humilde que seja a sua posição ou limitadas as suas possibilidades, essa pessoa atingirá verdadeira grandeza, quando, confiando no poder divino, procurar realizar a sua obra com fidelidade.» — Patriarcas e Profetas, p. 255.

Palavras maravilhosas são estas, revelando o segredo do poder e eficiência dum grande chefe de Deus. O facto de que vós, hoje chefes, vos sintais ineficientes, é uma prova de que fareis de Deus a vossa força. Que a vossa chefia nesta semana de Oração e no ano em curso seja «um exemplo do que Deus faz para fortalecer o carácter dos que confiam plenamente n'Ele, e se entregam sem reserva aos Seus mandos». — Id.

E. L. MINCHIN

Semana de Oração dos Missionários Voluntários

(15 A 22 DE MARÇO)

SÁBADO, 15 DE MARÇO DE 1958

JESUS OFERECE-ME A VIDA

Texto: «Já estou crucificado com Cristo; e vivo...» (Galatas 2:20).

O tornar-se cristão não é morrer, mas viver. Não é retirar-se dos prazeres ou responsabilidades da vida, nem o abandono da felicidade e de todas as coisas boas. É, com efeito, o oposto. A juventude que não tem conhecido a Cristo não tem verdadeiramente vivido. «N'Ele estava a vida, e a vida era a luz dos homens». (João 1:4). «E a vida eterna é esta: que Te conheçam, a Ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a Quem enviaste». (João 17:3). O Cristianismo provê para a Juventude o melhor que a vida pode oferecer, sem a intensidade agitada e o conflito mental que acompanham os prazeres mundanos. É, com efeito, a vida «com abundância».

A preocupação de que alguma coisa nos falta persegue-nos de vez em quando; mas os jovens cristãos permanecem seguros no conhecimento de que Cristo só nos nega aquilo que não é para nosso bem. «Não negará bem algum aos que andam na rectidão». (Salmos 84:11).

«Vivei a vida»

Os prazeres do mundo não são bons para nós, fisicamente, mentalmente ou espiritualmente. Eles nos são portanto negados em sabedoria por um Deus misericordioso que conhece o fim desde o princípio. Uma vista de olhos aos registos dos que seguem os caminhos do mundo oferece prova abundante de que a vida ordenada por Cristo é que deve ser a preferida. Degenerescência física, fracasso mental e pobreza espiritual é o qui-

nho dos que seguem o caminho do mundo. Sim, à juventude cristã falta qualquer coisa, mas nada do que não devia faltar.

Há um aspecto da vida mundana que os encantos humanos e risadas loucas não podem encobrir. Champagne copioso, formas agradáveis arrastando à música aprazível, luzes brilhantes e jóias cintilantes não passam numa fachada — uma fachada enganadora. Por detrás de tudo isso estão corpos enrugados pela doença, moral destruída e apetites insatisfeitos; noites perdidas, filhos incógnitos, o uso de narcóticos e uma inquietação mental que é apenas parcialmente satisfeita por uma nova corrida aos prazeres. E como termina tudo? Com prisão, suicídio, divórcio e a tumba dum pecador — sem esperança para o presente nem para o futuro.

Esta é a porção dos que se esquecem de Deus. Exteriormente parecem felizes, saudáveis e prósperos. Interiormente, uma insaciável sede de coisas melhores — uma sede que não pode ser satisfeita com o «vinagre» dos prazeres mundanos. O clamor do mundo: «Eu tenho sede», só pode ser satisfeito com a limpa e refrescante água da Rocha dos Séculos». O mundo está em amargura, desiludido e condenado. Provou as maçãs de Sodoma e descobriu que elas são cinzas. Não conhece o bálsamo de Gileade nem o seu Médico.

O vácuo do viver mundano é «como a taça do vinho agradável oferecido ao condenado a caminho da sua execução; como a festa da-quele que se sentou sob a espada nua suspensa perpendicularmente sobre a sua cabeça por um ténue fio; como o fruto proibido de Adão; como as iguarias de Bel-

shazar, observadas por Alguém que escrevia na parede, — tais são todas as delícias vãs deste mundo; na sua maneira e expectação, o terreno; na sua aquisição, o sofrimento; no seu gozo, repugnância e aborrecimento; na sua duração, morte e desaparecimento; na sua operação, endurecimento, efeminação, fermento, exaltação, afastamento do coração de Deus; nas suas consequências, acompanhado de ansiedade, solidão, temor, desgosto, desespero, desapontamento; no seu espaço, curto demais para que a pessoa se possa estender, e estreito demais para que se possa cobrir; de todas as formas defectivo e desproporcional à capacidade vasta e espaçosa da alma humana, como incapaz de preenchê-la, como a luz dum vela para alumiar todo o mundo». — Spencer, in *6,000 Sermons Illustrations*.

Esta confusão de valores não é de forma nenhuma rara, nem de exclusiva experiência da juventude. Muito apropriadas são as palavras do hino (n.º 10):

*«Dá-me Cristo, e toma o mundo.
Pois o seu prazer é vão;
Mas do Rei o amor eterno
Nunca sofre alteração.»*

O viver no mundo, ainda que separado dele, não é isento de perplexidades. Há primeiro do que tudo o problema do desejo, as exigências insistentes do homem interior, clamando por resposta. «Vivemos como vivemos porque somos o que somos» exclamou um jovem delinquente ao juiz que o julgava.

Certos professores célebres não têm ajudado muito com recomendações liberais para a prática do casamento e coisas semelhantes. O

cinema, jornais e revistas populares encorajam a ideia livremente expressa. «Vivei a vida!» é a divisa. «Não sejais fanático!» é a nova zombaria. O que verdadeiramente querem dizer é: «Desliga-te das restrições da moral cristã. Come, bebe e diverte-te, porque amanhã morreremos». Esta é com efeito a filosofia dos que perecem. A filosofia do cristão é: «Contudo eu vivo! Hoje e amanhã eu vivo! Aqui e depois desta vida eu vivo!»

Aquele que o segue viverá

Um missionário aproximou-se dum indiano para lhe falar da sua alma. «Entregue o seu coração a Cristo antes que seja muito tarde», insistia o homem de Deus.

«Não, não o farei; continuarei a viver o caminho indiano. Não aceitarei o caminho de Jesus», foi a resposta. Poucos meses mais tarde o indiano estava à morte. Mandou então chamar o ministro. «Posso, porventura, aceitar agora o caminho de Jesus?» perguntou.

«Que se passa com o caminho indiano?» perguntou o ministro.

«Eu vou morrer», disse o moribundo. «O caminho indiano termina aqui. Não há vereda através das sombras.»

Os caminhos deste mundo são transitórios — apenas um momento. Todos passarão. Porém o «caminho cristão» estende-se para além do vale da ira e das lágrimas. É uma luz que penetra no vale das sombras. E quem o seguir viverá!

Mas por que somos o que somos, se a liberdade da expressão não é o nosso privilégio? Tem o psicólogo razão, quando fala «do perigo da repressão»? Será seguro combater as nossas «inclinações naturais da juventude»? A resposta é simples. Não é somente seguro; é o único passo para a felicidade, dignidade e respeito-próprio. Há glória na restrição. E a vitória sobre o mundo, a carne e o diabo não é impossível. «O Seu eficaz poder de sujeitar também a Si todas as coisas». (Fil. 3:21). «Aquele que é odioso para vos guardar de tropeçar». (Judas 24). «Aquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evange-

lho». (Rom. 16:25). Foi pelo poder de Cristo que Paulo pode escrever: «Antes subjugo o meu corpo, e o reduzo à servidão». (I Cor. 9:27).

A juventude cristã precisa explorar mais o poder da oração. Na hora da tentação, ela poderá então receber força. Um poder de operação maravilhosa está à disposição de cada jovem a cada instante. Um coração cheio de Cristo significa uma vida regulada segundo o céu. Vida justa não é a promessa da «pega voando no céu». É uma realidade presente em muitas vidas.

A Exposição de Toda a Vida

O problema da exposição é na verdade um facto. Os vendedores do pecado são muitos e a sua conversa persuasiva. Mas a tentação do exterior deve ser conservada fora, a despeito da nossa constante exposição a ela. A oposição adventista ao cinema, bailes e clubes é melhor resumida do seguinte modo: Reduz a exposição à subtilidade dos vendedores do pecado. Uma pessoa tem consideravelmente mais possibilidade de se salvar com a sua ausência em tais antros de divertimentos.

A exposição ao pecado seria mais reduzida se menos tempo fosse passado diante dos ecrãs da televisão, e mais discriminação usada na selecção dos programas. Oração e jejum podem tornar-nos senhor da televisão e não o seu escravo. A entrega à televisão enfraquece a defesa própria contra a tentação.

A má escolha de amigos é outro meio de dupla exposição ao pecado. É 98 por cento verdade que o carácter da pessoa pode ser correctamente julgado pelas companhias que escolhe. As fileiras dos fracassados estão repletas de jovens que tomaram a primeira bebida sob pressão, quebraram o sétimo mandamento pela insistência de maus companheiros ou se deram uma injeção de narcótico porque não puderam resistir ao sarcasmo. «Tu és um ingénua» dito por um amigo trocista tem sido a causa de muitos jovens se lançarem de cabeça.

Conta-se a história dum vaso de barro e dum vaso de cobre, fluando lado a lado ao sabor da corrente. O autor põe a seguinte conversa entre os dois vasos: Disse o vaso de cobre: «Irmão, não temas. Eu não te faço nenhum mal». Replicou o vaso de barro: «Afasta-te de mim, te peço, porque se a corrente te atira contra mim, as nossas constituições sendo tão diferentes, far-me-ás em mil pedaços».

Jovens, a luz e as trevas são incompatíveis. Pressões sociais são as mais difíceis de resistir. Mais vale sair da corrente do que ter a experiência cristã desfeita em mil pedaços. A multidão pode escarnecer-vos, mas no fundo respeitar-vos-á. Quando um cristão se deixa comprometer, os que o desviaram são os primeiros a dizer: «Estou admirado com o João. Pensava que a sua religião era diferente daquilo de que ele está dando provas».

Vivemos

«Pelo que saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor» (II Cor. 6:17) parece ser o passo mais seguro para a espiritualidade permanente. Na questão de cortesia, «exposição demasiada» pode conduzir a conseqüências fatais. O jovem casal que conhecer anos de abençoada associação no sagrado matrimónio respeitará os limites impostos pela lei moral para bem de todos nós.

Para o nosso mundo atribulado o bem e o mal não têm fronteiras definidas. Laços sagrados são quebrados, normas veneráveis ignoradas, e são princípios desonrados. A maldade estabelece-se, entronizando-se nos corações humanos — com efeito aí reina como rainha. Contudo a verdade não pereceu na Terra nem o bem abandonou o tabernáculo do Altíssimo. Uma cidade ainda assenta sobre o monte. Milhares não se ajoelharam diante de Baal. A ruína pende sobre a Terra como nuvens de trovoadas. Vozes da hecatombe aumentam; mas, embora no mundo, a juventude cristã não é afectada por ele, porque pela graça de Deus — ela vive!

DOMINGO, 16 DE MARÇO DE 1958

EU MORRO...

Texto: «Cada dia morro». I Coríntios 15:31).

Todos nascem mortos — mortos em ofensas e pecados. «E vos vivificou, estando vós mortos em ofensas e pecados». (Éfes. 2:1). «Eis que em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe». (Sal. 51:5). Espiritualmente, todos ainda nasceram, nasceram no mal, nasceram mortos para as coisas de Deus. «Entenebrecidos no entendimento, separados da vida de Deus pela ignorância que há neles... havendo perdido todo o sentimento». (Éfes. 4:18, 19). Mortos havendo perdido todo o sentimento e separados da vida de Deus, a humanidade tropeça às cegas num mundo de deserto. «Eu morro» é o grito do idólatra, mentiroso, ladrão, adúltero, cobiçoso, blasfemo e assassino. «Eu morro» é a mensagem que vem atrás das notas dos instrumentos de cobre do popular *jazz-band*. «Eu morro» está escrito nas faces empalidecidas pelo pecado das multidões que saem de madrugada dos clubes nocturnos. «Eu morro» é a confissão silenciosa do noctívago e do bêbado que cambaleia fora da sua casa. Nem o muito respeitado, pecador secreto abastado, pode ocultar a confissão do seu coração—«Eu morro». «Todos morrem em Adão». (I Cor. 15:22).

O Dr. J. Parker pôs a nu a alma de toda a humanidade com as seguintes palavras: «Oh pecado! como nos amaldiçoaste! Levantaste uma barreira entre nós e Deus. Com o teu bafo gélido extinguiu as alegrias de nossos lares; desafiaste a nossa harpa, e encheste os ares com clamores desarmoniosos; tu desembainhaste a espada e mergulhaste-a no sangue humano; se não fosses tu, não conheceríamos o nome de viúva e órfão, de lágrima e suspiro, de sofrimento e morte; mas por tua causa os nossos corações foram despedaçados

pela dor e as nossas mais puras alegrias passaram a ser um êxtase do céu». — *6.000 Sermon Illustrations*, p. 585.

Em face disto, as palavras de Cristo não nos surpreendem muito: «Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo». (João 3:7). O novo nascimento é actualmente uma nova morte! É, com efeito, uma morte ao pecado. «Nós, que estamos mortos para o pecado, como viveremos ainda nele?» (Rom. 6:2). «Porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus». (Col. 3:3). Sim, nós todos nascemos mortos no pecado, mas é nosso privilégio morrer para o pecado. Uma imunidade pode desenvolver-se para os elementos deste mundo presente. Oh, estarmos escondidos com Cristo em Deus! Foi a esta morte que o apóstolo aludiu nas palavras do nosso texto: «Cada dia morro».

Essencialmente, o novo nascimento é uma ressurreição dos mortos. É uma operação de Deus sobre o coração do homem responsável. Isto, Deus nunca operará sem a cooperação do homem. Uma pessoa deve estar disposta a operar para Deus e deve expressar essa boa vontade nas seguintes maneiras:

Fé

«Ora, sem fé é impossível agradar-Lhe: porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe, e que é galardoador dos que O buscam». (Heb. 11:6). Duas coisas estão aqui mencionadas para salientar a fé duma pessoa: (1) crer que Deus existe, e (2) crer que Ele responderá à oração.

Arrependimento

«Arrependei-vos pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela

presença do Senhor». (Actos 3:19). Arrependimento é uma determinação da parte duma pessoa para se separar do pecado. É um desejo de permitir a Deus de arrancar de si as suas mais acariciadas fraquezas. Só então pode o pecado ser apagado. Não pode haver refrigério da parte de Deus até que a pessoa se tenha verdadeiramente arrependido. Só Deus nos pode dar corações verdadeiramente arrependidos. A nossa tristeza deve ser de Deus e genuína. Deus é a fonte de tal tristeza. Pela oração podemos recebê-la.

Conversão

«Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus.» (Mat. 18:3). O galardão da fé do arrependido é a conversão. Isto provê a recepção da mente de Cristo e a natureza de Cristo. Cristo habita no indivíduo e possui-o. Ele torna-se uma nova criatura. Disse Spurgeon: «Se Deus falasse ao Niágara e ordenasse que as suas águas se detivessem súbitamente na sua queda, isso seria uma insignificante demonstração de poder comparado com a detecção da vontade duma alma desesperada. Se Ele falasse súbitamente ao vasto Atlântico e ordenasse que as suas águas se fizessem em chamas, ainda não veríamos em tal manifestação a Sua grandeza, como quando Ele ordena ao coração humano e o torna submisso ao Seu amor.» — *6.000 Sermon Illustrations*, p. 138.

William Cowper relata as suas dominantes sensações no momento da sua conversão: «Só por me ter apoiado no braço do Todo-Poderoso eu creio que teria morrido com gratidão e alegria. Os meus olhos encheram-se de lágrimas, e a minha voz sufocara-se de comoção; eu podia apenas levantar os meus olhos para o céu, dominado

pelo amor e admiração». — Roberto Southay, *The Life and Work of William Comper*, 1835, ed. Vol. I, p. 146.

Um mancebo tinha tido uma vida de dissipação, quando Cristo o encontrou. Tomou a firme decisão de romper com o passado e principiar a sua vida de novo. Isto, a propósito, é uma das primeiras evidências da conversão. Durante alguns dias os seus amigos deram por falta dele nos meios habituais. Na esperança de o encontrar, um dia uma jovem foi visitá-lo para o convidar a um divertimento. O mancebo recusou. A jovem continuou a insistir: «Então já te esqueceste de mim? Olha que sou eu».

«Eu sei quem és», replicou o mancebo, «mas eu já não sou o mesmo! Sou uma nova criatura.»

Há neste mundo um funeral bem-vindo, o funeral do homem de pecado. Talvez a mais agradável visão é a emergência do novo homem em Cristo Jesus. Ainda fresco saindo da mão do Criador, com o orvalho do céu sobre a cabeça, o cristão recém-nascido é um crédito para Deus e uma bênção para a humanidade.

Batismo

«Quem crer e for baptizado será salvo; mas quem não crer será condenado.» (Marc. 16:16). É o selo necessário ou o testemunho da vida convertida. Por ele o mundo tem o conhecimento de que mais outra pessoa se voltou para Cristo.

«E agora porque te deténs? Levanta-te e baptiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor.» (Actos 22:16).

Obediência

«Vós sereis meus discípulos, se fizerdes o que Eu vos mando.» (João 15:14). «Ou fazei a árvore boa, e o seu fruto bom, ou fazei a árvore má, e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore.» (Mat. 12:33). As boas obras são tão naturais do homem bom como o bom fruto da boa árvore. Um é a consequência do outro. A reforma segue sempre a regeneração.

Vigiar e Orar

«Cada dia morro», escreveu o apóstolo inspirado. Este texto contém a sugestão clara de que a experiência cristã deve ser mantida. Não viverá por si. Como um jardim, deve ser cultivado. Não há tréguas nesta guerra. «Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade o espírito está pronto, mas a carne é fraca». (Mat. 26:41). É esta a fraqueza da carne que necessita atenção *diária* para os assuntos da alma. A palavra *vigiar* sugere um conhecimento das subtilezas do tentador, e das avenidas do pecado. Além disso cada um deve evitar situações embaraçosas, conhecendo a sua própria fraqueza. «Lugares proibidos» devem ser evitados. A petulante atitude eu-bem-me-sei-guardar precede geralmente o «sacrifício dos tolos».

Mas a vigilância não é suficiente. A frase «e orai» não foi acrescentada como pensamento posterior. Pela oração a alma alimenta-se da força de Deus. Tal comunhão não deve ser apenas casual. Pela oração as defesas da alma se constroem. É assim que uma pessoa está preparada para os assaltos do inimigo, ataques que virão tão seguramente como a noite segue o dia. O «hábito da oração» vem-nos como uma recomendação celeste. É um refúgio seguro para a alma em momentos de aflicção.

Muitos dos grandes homens de Deus desenvolveram este hábito. Um dia um pregador e o filho caminhavam juntos. O rapazinho notou que os lábios do pai se moviam mas nenhum som se escapava.

«Paizinho», aventurou-se a dizer, «que estás dizendo? Com quem estás a falar?»

«Meu filho», replicou, «já não pode uma pessoa desfrutar o privilégio da comunhão com o seu Criador sem interrupção?»

Finalmente, a frase: «eu morro» é literalmente profética: «Aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo». (Heb. 9:27). Toda a humanidade —até mesmo os jovens—têm de enfrentar a terrível expectativa de ter de deixar esta vida. Atingido pelo

luto de entes queridos e o desgosto de amigos, é esse o fim desta vida terrena. Não podemos compreender por que vem a morte tão cedo a certas pessoas, mas tudo se mostra claro, todos devem descer ao silêncio. É um triste facto; (1) devido à incerteza do elemento tempo. Ninguém sabe quando chega a sua hora. Vale a pena estar-se sempre preparado, porque raras vezes a Cruel e Ceifeira envia aviso prévio da chegada; (2) devido à cessação da vida. É o fim da oportunidade humana para fazer o bem. Tememos enfrentar o silêncio da tumba, sem estarmos preparados.

Hoje os riscos da morte têm-se multiplicado. Podemos morrer ao viajar por terra, por mar ou pelo ar. Por cada epidemia vencida nova toma o seu lugar. Há a acrescentar a isto a possibilidade terrível de novas guerras. Estes factores só por si forçam-nos a manter-nos cientes da incerteza da vida. Não necessitamos, porém, encarar a sepultura com a lembrança do desgosto e do desespero. Nem necessitamos de concluir lugubrememente com alguém que disse que «a sorte mais feliz do homem é não existir». Antes, vivamos a vida triunfante em Cristo de forma que quer agarremos o ceptro dos trasladados, quer desçamos ao silêncio do túmulo, estejamos preparados.

Ainda que a ciência médica moderna possa arrebatar das garras da sepultura muitas vidas, esta vida escapa-se, no entanto, das possibilidades médicas.

Uma jovem parturiente estava à morte, enquanto na enfermaria o seu lindo bebé principiava a respirar. Havia apenas alguns momentos que ela sorrira para seu marido cheia de esperança mesmo ao entrar para o lugar do silêncio.

Ela sabia que a vida se lhe escapava. Mas juntamente com seu marido tornara prática diária o colocar todos os assuntos da sua vida nas mãos de Cristo. Morrera para o pecado e para si mesma, e tinha nascido de novo. Podia dizer com Paulo: «Cada dia morro». Assim a crise não estampou o temor no seu rosto. Podia confiadamente esperar pela vida eterna, porque estava preparada.

SEGUNDA, 17 DE MARÇO DE 1958

PROSSIGO

Texto: «Prossigo para o alvo». (Filipenses 3:14).

O esforço individual é essencial no aperfeiçoamento do carácter cristão. «Prossigo» é, com efeito, uma afirmação de responsabilidade. O apóstolo Paulo recusou deixar-se levar pela corrente. Ele conhecia o seu alvo e prosseguia resolutamente até o alcançar.

Durante a guerra, um ministro fazia o seu trabalho por meio de autocarro. O seu distrito continha quatro igrejas, espalhadas numa área de 300 quilómetros. Tomar o autocarro em tempo de guerra era um problema difícil. Primeiramente ele recusou tirar a vez aos outros enquanto a multidão se empurrava para tomar o autocarro. O cristão deve ser cortez, pensava ele. Mas havia sempre mais gente do que a que o veículo podia levar. Depois de ficar em terra uma ou duas vezes, ele compreendeu que procurar um lugar no autocarro era uma questão pessoal e que portanto ele tinha de «prosseguir» e fazer como os outros. Daí em diante faltou a poucos compromissos. Ficar para trás, por qualquer motivo, significava derrota. Cada um tinha que fazer o que podia. Ele prosseguiu.

A Bíblia explica a luta do homem por Cristo usando três simbolismos: uma carreira, um combate, uma obra.

A Carreira

«Deixemos todo o embaraço, e o pecado que tão de perto nos rodeia, e corramos com paciência a carreira que nos está proposta.» (Heb. 12:1). Este pôr de parte todo o embaraço é uma ideia interessante. Implica o abandono de todo o impedimento pecaminoso ao desenvolvimento espiritual, e a escolha entre os prazeres da terra e os tesouros do céu. Nisto não deve haver confusão de valores. O jovem deve ter a certeza do que pode ajudar e do que pode emba-

raçar. É verdade que Satanás tem uma imitação para todas as coisas que vêm de Deus. É igualmente verdade que os que *oram sem cessar* são abençoados com o poder do discernimento.

Moisés é um excelente exemplo dum filho de Deus de discernimento, porque ele escolheu «antes ser maltratado com o povo de Deus do que por um pouco de tempo ter o gozo do pecado; tendo por maiores riquezas o vitupério de Cristo do que os tesouros do Egipito; porque tinha em vista a recompensa». (Heb. 11:25,26). E por isso prosseguimos na carreira.

O Combate

«Assim combato, não como combatendo no ar.» (I Cor. 9:26). A vida cristã é primeiramente e acima de tudo um combate contra o «eu». No versículo a seguir o apóstolo diz reduzir o seu «eu» à servidão. É preferível para um mancebo ou uma jovem vencer as paixões da carne do que ter uma posição invejável na sociedade ou o mais belo e o mais rápido automóvel. O mundo tem visto muitos conquistadores mas têm havido poucos que tenham sabido conduzir-se de tal maneira que, com uma vontade indomável, não tenham obscurecido os seus feitos com a desgraça. Portanto para um jovem obter a vitória e vencer-se a si mesmo, é necessário vencer e obter a vitória sobre todo o mundo.

E assim prossigamos no *combate*.

A Obra

«Filho, vai trabalhar hoje na minha vinha.» Mat. 21:28. O maior empreendimento no mundo é o empreendimento da igreja. Ela recebeu a sua incumbência há 1.900 anos nestas palavras: «Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura.» (Marc. 16:15). Esta é a responsabilidade que cabe a cada membro. Cada convertido deve ser um fazedor de

conversos. Esta obra em favor dos outros tem uma influência salutar no seu próprio carácter. «Este esforço feito por Cristo reagirá em bênçãos sobre nós mesmos». — *Christ's Object Lessons*, p. 354. O que deve ser feito deve ser feito rapidamente. Os gélidos efeitos da noite avassalam rapidamente o céu da história humana. O dia está a terminar.

«O trabalho que durante séculos devia ter sido feito, acumula-se na hora do pôr do sol.»

Carlos XII, rei da Suécia, ditava um dia uma carta. A sua nação estava em guerra. Uma granada rebentou perto, fazendo estremecer a casa. O secretário ficou assustado e deixou cair a pena com que escrevia. «Que tem?» perguntou o rei. «Por que não continua a escrever?»

«A granada, magestade, a granada!», replicou o atemorizado secretário.

«Pois bem», disse o rei, «e que tem que ver a granada com a carta? Continue.»

Assim também o evangelho de Deus deve ir. Desimpedida por guerra, fome, peste ou terramotos, a obra tem que ir. A toda a nação, cidade, rua, casa e caminho; sim, a toda a criatura, o evangelho deve ser proclamado.

E assim prossigamos na *obra*.

O treino cristão contribui muito para o crescimento cristão. Não é difícil apontar os perigos de frequentar as escolas seculares, ou as vantagens de se obter a educação cristã. As nossas mentes jovens e famintas podem passar sem se exporem às ideias evolucionistas, associações mundanas, fraternidade das ciências ocultas, as fortes tentações para assistir aos desportos em dia de Sábado, sem mencionar as atrações dos bailes e as amizades que não concordam com o nosso ponto de vista da temperança. E, deveras muito melhor a atmosfera do ambiente cristão. Aqui o pensamento vai para as coisas de Deus e princípios de pureza.

Não há nenhum assalto aos escrúpulos religiosos de cada um. Aqui ninguém necessita de esconder as suas opiniões com receio do que os outros possam pensar. Não são sancionados os bailes, as competições atléticas que profanam a guarda do Sábado, ou os salões de fumo. Aqui, o copo de cerveja é detestado e o cigarro não encontra nenhum acolhimento. Pode haver violação, mas estas são uma excepção e não a regra.

«Mas a educação cristã é tão dispendiosa,» é a objecção que muitas vezes se apresenta; para ela há porém uma resposta apropriada: Todos os anos milhares de estudantes ambiciosos frequentam escolas cristãs sem terem meios para pagar. Alguns seguem o plano da colportagem recomendado pelas Conferências e podem assim num só verão conseguir o bastante para pagar a escolaridade de vários anos. O sol quente e as estradas poeirentas não têm para eles importância. Portas fechadas precipitadamente, recusas categóricas, não conseguem desanimar estes colportadores evangelistas. Eles merecem o pão que comem.

Durante a guerra da Revolução, um capitão alemão estava treinando um grupo de recrutas. «Em frente, marcha!» gritou, e as tropas começaram a marchar para a margem do rio. Ao chegarem à água, porém, eles pararam com certa confusão. «Por que param?» perguntou o capitão. «Eu não disse: 'Alto'!»

«O rio, Capitão, o rio é fundo,» gaguejou um pelo grupo.

O capitão respondeu. «Água não é nada, fogo não é nada! Nada é nada! Quando eu digo: 'Em frente, marcha', quero dizer: 'Em frente, marcha!'»

Há duas grandes barreiras mentais contra o desenvolvimento e crescimento do carácter cristão:

O Complexo de Derrota

A propaganda dos emissários satânicos tem sido bem sucedida em convencer o mundo de que persistir no bem é impossível à carne humana. Este argumento é

brevemente resumido como segue: «Tens experimentado e falhado constantemente. Portanto nunca poderás ser bem sucedido. Abandona! Deixa-te de experiências!» Meu jovem amigo nada poderá delectar tanto o diabo do que deixares de lhe resistir. Ele sabe que «o que abandona nunca vence e o que vence nunca abandona». Por isso a sua magestade satânica dá-te este conselho: «Abandona!» Só os loucos aceitam este conselho. Os de juízo sabem melhor. Sabem que há uma vitória a alcançar aqui e agora, que o poder de Deus sobre o pecado é real e activo na terra e neste momento. Perante os nossos olhos, bêbados perdem o desejo da bebida, adúlteros tornam-se bons chefes de família, mentirosos arrependem-se e ladrões fazem restituição. Como explicar isso pelo poder de Deus? Na Sua presença, o pecado não tem domínio algum.

Seguindo um serviço de evangelização, um homem aproximou-se do estrado um tanto embriagado. «Ministro» disse ele, «tenho ido tão longe quanto o homem pode ir. Não mais me posso considerar um ser humano. Este é o meu último passo antes de mergulhar finalmente no inferno. Pode ajudar-me?»

O evangelista sentou-se e falou com este homem durante quarenta minutos. Ele explicou a misericórdia e a longanimidade de Deus. Falou também do Seu desejo e possibilidade de salvar os homens do mais vil pecado. O pobre homem foi assegurado de que se ele quisesse, o amor de Deus podia

arrancá-lo ao abismo. Após uns momentos de oração, lavada em lágrimas, uma alma nasceu para o reino de Deus. Ele ainda é fiel a Cristo.

Portanto prosseguimos constantemente em suplicar ao trono da graça por vitória, seguros no conhecimento de que Deus que tem ouvido tantos outros também nos ouvirá!

As Faltas dos nossos Anciãos

Nem devemos deixar-nos desviar tão facilmente pelas faltas dos nossos anciãos tomando-os como exemplo a seguir. Ouvimos muitas vezes esta expressão: «O irmão Smith fê-lo e ocupa uma posição elevada na igreja. Por que não posso eu fazer o mesmo? Ou: «Eu não julgava que o irmão Jones podia fazer tais coisas. Agora, não acredito em ninguém, nem em coisa alguma. Cada um tem o seu merecimento».

Esta é provavelmente a mais difícil barreira da vida — o testemunhar fracassos indignos numa pessoa que tínhamos em grande consideração. Mas o erro não está tanto no mau exemplo como no observador desapontado. Tinha feito do culpado o seu modelo. Como Pedro andando sobre as águas traiçoeiras, ele havia retirado os seus olhos de Cristo. Ninguém tem merecimentos. Há ainda algumas pessoas, graças a Deus, que são fieis a Deus como a agulha ao pólo magnético. Elas não sobem a um pedestal para se louvarem. Mas estão aqui neste presente mundo, vivendo vidas *sem manchas* perante uma geração apóstata e desobediente.

O alvo para o qual prosseguimos está em Cristo Jesus. A localização é importante. Por causa da presença da natureza humana, os melhores homens, pela negligência da vigilância e oração, podem cair. A minha fé em Cristo deve, pois, ser absoluta, não apoiada no homem. Esta é a fé de Jesus.

Sabendo que o nosso Senhor foi adiante de nós, dizemos com Paulo: «Prossigo para o alvo, pelo prémio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.

EMISSÕES ADVENTISTAS

Temos o prazer de anunciar que, desde 15 de Julho, as emissões adventistas portuguesas se podem ouvir, em melhores condições do que anteriormente, através de

Rádio África Tânger

506 m (593 kc), todas as segundas-feiras, às 22 horas.

Ouvi e anunciai

TERÇA, 18 DE MARÇO DE 1958

EU AMO

Texto: «Aquele que não ama não conhece a Deus: porque Deus é amor.» (I João 4:8).

Sem Deus os seres humanos são incapazes do verdadeiro amor. Ele é tanto a sua origem como o seu dispensário. O amor é ao mesmo tempo o espírito do Sermão da Montanha e a verdadeira essência dos Dez Mandamentos. A falta dele é a responsável das múltiplas misérias que afligem a humanidade. A sua presença traz a felicidade tanto à palhota do gentio como aos palácios dos reis. O amor a Deus e ao próximo é referido pelo nosso Salvador como sendo a substância da lei e dos profetas. (Mat. 22:36-40).

O Grande Mandamento

O «primeiro e grande mandamento» lê-se como segue: «Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento». O pensamento desta declaração compreende tudo. Deus é de facto um Deus «zeloso» (ciumento). Não admite nenhum concorrente. Ele tem pouca estima por aqueles que acariciam «outros deuses». Esta frase «outros deuses» não se limita às imagens talhadas de madeira ou pedra e adoradas pelos ignorantes. Antes inclui os falsos deuses que são os prazeres do mundo e as riquezas adoradas pelos seus possuidores. Tudo que tome o lugar da afeição que devemos a Deus é com efeito «outro deus». Inclui o hábito que consome a vida e destrói a alma, do qual não há arrependimento nem foi abandonado.

Provera a Deus que este tributo de Jeremias fosse o tributo de cada coração: «Mas o Senhor Deus é a verdade; Ele mesmo é o Deus vivo e o Rei eterno.» «Ele fez a Terra pelo Seu poder; Ele estabeleceu o mundo por Sua sabedoria e com a Sua inteligência estendeu os céus». (Jer. 10:10, 12).

Sim, só Ele é merecedor dum amor total que torna coração, mente e alma Seu escravo volun-

tário. A iniquidade dos rebeldes estender-se-á até à quarta geração se estes filhos partilham da rejeição da soberania do Pai, como Criador e Redentor da Terra. Mas aos milhares que O amam é manifestada a misericórdia numa medida infinita.

E ainda mais. «O amor a Cristo suavisa o caminho do dever, e faz voar os pés dos que caminham nele; é o arco que impele a seta da obediência; é a mola principal que põe em movimento as rodas do dever. É o braço forte que puxa o remo da deligência. O amor é a medula dos ossos da fidelidade, o sangue das veias da piedade, o nervo da força espiritual; sim, a vida da devoção sincera. O que tem amor não pode ficar mais imóvel do que a faixa exposta à ventania, a folha seca num furacão, ou as ondas do mar na tempestade. É tão fácil os corações deixarem de bater como o amor de trabalhar. O amor está aliado à actividade, não pode estar ocioso; está cheio de energia e não se pode contentar com pequenas coisas; é a fonte do heroísmo, e os grandes feitos são os fluxos das suas nascentes». — Spurgeon, *in 6000 Sermon Illustrations*, pp. 427, 428.

O Segundo Mandamento

O segundo mandamento é semelhante ao primeiro: «Amarás ao próximo como a ti mesmo». Mat. 22:39. Este mandamento pressupõe:

1. Que o homem ama-se a si-mesmo. O amor de si-mesmo tem o seu aspecto positivo e o negativo. Mas porque um aspecto conduz ao egoísmo, o outro não deve ser rejeitado. Lembremo-nos do que Paulo disse: «Assim devem os maridos amar a suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos... Porque nunca ninguém aborreceu a sua própria carne». (Éfes. 5:28, 29). A pessoa que não se ama a si-mesmo não pode amar os outros. Sob o segundo grande mandamen-

to o amor de nós mesmos torna-se a medida do nosso amor para com os outros. O amor de si-mesmo é bom quando leva a recusar bebidas alcoólicas, tabaco, imoralidade, e as dissipações da vida nocturna. Uma pessoa deve amar-se tanto que se não exponha a estas práticas destruidoras do corpo e da alma. O respeito de si mesmo é indispensável ao respeito e bom tratamento que devemos usar para com os outros.

É-nos dito que Alexandre Magno tinha no seu exército um soldado também chamado Alexandre. Este soldado era um desgraçado; suas roupas andrajosas; conhecia pouco das regras da guerra e dormia quando estava de guarda. Alexandre, o soldado, foi chamado à presença de Alexandre Magno. «És culpado de tudo quanto te acusam?», perguntou o general.

«Sou, Vossa Alteza,» respondeu o soldado.

«E o teu nome, como o meu, é Alexandre?» perguntou o conquistador do mundo.

«Sim, Senhor», respondeu o desgraçado soldado.

«Então tu deves mudar a tua maneira de ser ou mudar o teu nome,» gritou-lhe Alexandre.

Há certas coisas neste mundo que são contra a dignidade humana. Devemos amar-nos tanto que não nos sujeitemos a elas.

2. O segundo mandamento inclui o amar os nossos inimigos. «Mas a vós que ouvis digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos aborrecem; bendizeis os que vos maldizem, e orai pelos que vos caluniam». (Luc. 6:27, 28).

Esta é provavelmente a mais difícil de todas as determinações celestes. É fácil bendizer aos que nos bendizem e amar aos que nos amam. É, porém, contrário à natureza humana que eu mostre bondade aos que desdenham dos meus esforços, que cumprimente os que me ignoram e que perdoe os que destroem a minha reputação.

Não ser melhor do que os outros

Quando maltratamos os que nos detestam não somos melhores do que eles. «E se amardes aos que vos amam, que recompensa tereis? Também os pecadores amam aos que os amam». «Amái pois a vossos inimigos, e fazei bem... e será grande o vosso galardão e sereis filhos do Altíssimo; porque Ele é benigno até para com os ingratos e maus». (Luc. 6:32,35).

O possuidor do verdadeiro amor não pode odiar ou maltratar nenhum ser humano. Só o céu pode dar-nos este conceito cristão. A tentação para reagir, ferir ou insultar está sempre conosco. Esta muito particularmente no quarto a nós com Deus. Só a oração pode trazer esta bênção à alma.

3. Este mandamento não admite a inveja e todos os males que com ela se ligam. Mentiras segredadas para prejudicar a reputação, o criticar as vestes de outrem ou a sua aparência física, não são tolerados pela lei do amor. A riqueza e a posição social são eliminadas como normas para se avaliar o carácter duma pessoa e a sua aceitação. O verdadeiro crente nunca se eleva aos olhos dos outros. Clubes sociais entre os jovens são tão inevitáveis como bons; mas são maus quando os seus membros adoptam a attitude que só devem ser admitidos os da sua simpatia. Aos olhos de Deus são todos iguais—um facto que o verdadeiro crente claramente reconhece.

O Nosso Esforço Pessoal

4. Este mandamento faz-me devor para com os que são menos felizes do que eu. Inclui os doentes, os pobres e os presos. Bem-aventurados os jovens que visitam os encarcerados semanalmente, cantando hinos e ministrando dum modo geral as necessidades espirituais das almas perdidas que ali se encontram. Alimentar os famintos e vestir os nus é fazer a obra de Cristo. Não basta que nos alegremos com os privilégios das nossas sociedades dos jovens. Os programas semanais, os acampamentos e as classes progressivas são bons na sua finalidade, mas os elevados

propósitos da sociedade não são realizados até que os seres humanos sejam apresentados a Cristo pelos nossos esforços pessoais. Então poderá ser dito de nós que não passámos de largo, mas antes que ligámos as feridas do caído, alimentámos o seu corpo, ministrámos à sua alma e assim cumprimos a lei de Cristo.

5. «Amarás o teu próximo», requer respeito pelo código moral da justiça. O verdadeiro amor não procura desvios por relações clandestinas. Nem é cego ao perigo de intimidações perante compromisso e casamento. O mancebo em cujo coração o amor de Deus habita não exercerá nenhuma pressão sobre a jovem para nenhuma culpabilidade, porque o amor é puro. As suas obras não precisam ocultar-se nas trevas — podem enfrentar a luz do meio dia.

O homem de juízo reconhece na juventude o tempo de se disciplinar na preparação para a sua vida de casado. Uma união feliz é melhor assegurada pela conservação das energias recebidas de Deus. Hábitos de dissipação formados nos primeiros anos raras vezes são desfeitos mais tarde. Não vos deixeis contagiar pelas levianidades e deslizos da juventude. A sua alegria dura apenas um momento e o seu fim é a morte.

Nem este mandamento permite a união dum cristão com uma pessoa do mundo. «Não vos prendais a um jugo desigual» (II Cor. 6:14), não perdeu nada da sua verdadeira força. Com algumas excepções aqueles que violam esta regra têm acarretado sobre si sérias consequências. Dum lar dividido «as sombras nunca mais se dissipam».

Não se trata meramente de terminologia para assustar. Discórdia sobre a religião dos filhos; objecções à assistência aos cultos de Sábado; perturbação devido à preparação das refeições em dia de Sábado; divergência quanto ao gosto de recreios, para mencionar apenas algumas «contrariedades invencíveis», têm desanimado muitos lares supostamente bem constituídos. Mais vale contar com o Senhor na escolha do companheiro

para a vida. Então a escolha não será feita fora do redil. E enquanto Jesus andar conosco, meus amigos, nunca andareis sós.

Todos são o próximo

6. Finalmente, se «Amarás o teu próximo», for aceito, eliminará todo o ódio e preconceito baseado na raça, na cor ou na origem nacional. «Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoal; mas que Lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, O teme e obra o que é justo». (Act. 10:34,35). A missão evangélica é por natureza cosmopolita. Declarações políticas, têm até um certo ponto, obscurecido a verdade das Escrituras que debaixo da pele todos os homens são irmãos. A igreja do Deus vivo é a casa de oração para todos os povos.

Por todo o mundo temos missionários que dispenderam as suas vidas em terra estranha e entre povos estranhos. Alguns têm a seu crédito trinta e quarenta anos de serviço em missões estrangeiras. Este é um serviço motivado pelo amor, que se encontra no centro do evangelho de Cristo.

Três árabes discutiam a questão de como se pode saber «quando chegou o dia e a noite é passada». Disse um: «Quando eu vejo para enfiar uma agulha sem o auxílio de luz artificial, então sei que a noite passou, o dia chegou, e as trevas já não voltam».

Disse o outro: «Quando sou atacado por um cão raivoso e posso ver o branco dos seus olhos sem o auxílio de luz artificial, então eu sei que a noite passou, o dia chegou e as trevas já não voltam».

O terceiro disse: «Quando eu posso ver em todos os homens a imagem de Deus, reconheço-os como meus irmãos, e como tais os trato, então eu sei que a noite passou, o dia chegou e as trevas já não voltam».

Quão vital é que estes dois grandes mandamentos sejam os fundamentos das nossas vidas. Que o amor a Deus e o amor ao homem encha de tal modo os nossos corações que a vida cristã seja atractiva para todos que nos conheçam e nos encontrem!

QUARTA, 19 DE MARÇO DE 1958

EU CONFIO

Texto: «Deus meu, em Ti confio». (Sal. 25:2).

Satanás dispõe de uma arma muito eficaz para destruir o nosso entusiasmo espiritual; esta arma é a dúvida, isto é, a falta de confiança em Deus.

A dúvida, qual fermento de incredulidade, produz geralmente no homem um profundo sentimento de insegurança e paralelamente, uma incapacidade de usufruir os bens postos à sua disposição. O homem que perdeu a sua confiança em Deus perde igualmente a confiança nos seus semelhantes e consequentemente, deixa de inspirar-lhes confiança. Está então preparado para se fechar em si mesmo, para o desânimo e para a revolta. Mas o que cultiva a fé em Deus e nos seus semelhantes é um homem feliz.

Confiança na Igreja

É para nós precioso podermos apoiar sobre a Igreja, porque foi ela que nos transmitiu as verdades divinas relativas à nossa salvação. Qualquer grupo de crentes capaz de conservar e transmitir à posteridade o admirável conjunto de preceitos conhecido sob o nome de Lei de Deus merece que lhe concedamos a nossa confiança, porque é manifestamente dirigido por Deus.

Todavia a Igreja tem os seus detractores: os que a julgam segundo as fraquezas verificadas em alguns dos seus membros. Certamente que é de deplorar o facto de que pessoas que ocupam na Igreja postos de responsabilidade não mostrem em todas as circunstâncias uma atitude exemplar. Mas sempre assim aconteceu. Mesmo entre aqueles que de perto cercavam Jesus, Judas Iscariotes, o tesoureiro do grupo, dava mostras de uma moralidade das mais discutíveis. E todavia, como julgaríeis vós uma pessoa que rejeitasse a Cristo sob o pretexto de Ele ter

tolerado a Seu lado uma pessoa tão pouco interessante como Judas?... Lastimemos a cegueira dos que, para não verem as manchas da Igreja se precipitam de cabeça para baixo nas profundezas dum terrível e escuro abismo!

Outros deixam a Igreja por razões inversas. Não se sentem à vontade nela porque o ideal que se lhes propõe não se ajusta com as suas exigências mundanas ou a sua necessidade de liberdade. Louvemos a Igreja por permanecer à margem do mundo e aceitemos as limitações que ela para nosso bem nos impõe! Uma só coisa importa: que ela esteja verdadeiramente fundada sobre a Rocha, isto é, sobre Jesus Cristo.

Confiança na Bíblia

Talvez nenhum outro livro tenha suscitado tantas controvérsias como a Bíblia. Por isso nenhum outro livro foi tão discutido, tão criticado e tão desacreditado. Todavia nós mantemos toda a nossa confiança na Palavra de Deus. Os sábios, a despeito de reiterados esforços para explicar a seu modo o nascimento do mundo e o destino dos seus habitantes, não têm conseguido construir uma teoria coerente. Também no que diz respeito ao seu desejo de provar a inexactidão dos factos relatados na Bíblia, não têm sido mais felizes. Pelo contrário, escavações arqueológicas vêm regularmente confirmar certas declarações bíblicas postas em dúvida pelos homens de ciência.

A realização evidente de certas profecias não pode deixar de reforçar a nossa confiança. Quem senão Deus poderia predizer, séculos e séculos antes, a queda dos reinos e a destruição dos povos?

Mas não está a prova por excelência na transformação que se opera no pecador arrependido sob a influência da Palavra? Outras religiões além do cristianismo pos-

suem os seus livros sagrados donde pretendem extrair as suas filosofias... Mas nenhuma delas pode reivindicar resultados comparáveis aos do cristianismo, nenhuma opera no homem esta redenção, esta quase total regeneração pelo amor.

Quando da chegada do príncipe negro Naibama a Inglaterra, o personagem encarregado de servir de cicerone ao visitante real pensou que era seu dever convencê-lo de que a Bíblia era verdadeiramente a Palavra de Deus. Como o jovem africano parecia aceitar logo à primeira as suas conclusões, o inglês quis saber as razões que tinham determinado a sua convicção. «É simples», disse o jovem. «Todas as boas pessoas que eu tenho encontrado gostam da Bíblia e lhe chamam a Palavra de Deus. As outras — as que eu qualificarei de «más» desprezam-na. Isso parece-me provar de maneira perentória que a Bíblia é bem o que dela se diz, isto é, a Palavra de Deus». (Moister, *6.000 Windows for Sevens*, p. 74).

Os próprios ateus, se bem que teimem em negar a Deus, experimentam uma espécie de angústia ao pensar que a Bíblia pode exprimir uma verdade eterna. Um deles declarou sem rodeios: «Este pensamento estraga todas as minhas alegrias. Porque, se a Bíblia é verdadeira, eu sou um homem perdido!»

Ao dar-nos a Bíblia, Deus pôs ao nosso alcance a mais preciosa das revelações, aquela que nos abre o caminho da salvação.

Confiança em vossos pais

Possuir pais cristãos equivale a desfrutar um bem de valor inestimável, porque a despeito da falibilidade inerente à natureza humana, os pais são por assim dizer, os substitutos de Deus junto de seus filhos. Os jovens de hoje rejeitam esta noção pensando que ela é antiquada, mas cometem com

isso um erro de conseqüências graves. Exceptuando algumas diferenças, os problemas que hoje assaltam os «menos de vinte anos» são os problemas de seus pais há alguns anos. Verdade é que o mundo se transforma num ritmo acelerado e que a mentalidade se modifica quase a olhos vistos. Mas há princípios permanentes que é perigoso infringir. Com a devida distância, os pais ricos pela sua própria experiência, poderão dar a seus filhos conselhos preciosos.

É pois bom para os jovens tomarem a seus pais por confidentes. Submetei-lhes os vossos projectos de futuro, as vossas hesitações quanto à escolha de uma carreira, os vossos entusiasmos ou as vossas reticências a respeito de um futuro companheiro de existência. Se solicitardes a vossos pais com confiança e deferência, eles mostrar-vos-ão uma compreensão e discreção que ultrapassará a vossa expectativa, porque os seus conselhos nunca serão inspirados pelo egoísmo, mas pelo amor desinteressado que vos consagram.

Tomai bem cedo as vossas responsabilidades e não assalteis vossos pais com pedidos despropositados, sobretudo no que diz respeito a dinheiro. Eles têm os seus problemas financeiros como vós e deveis esforçar-vos por tomar a vossa parte nos cuidados familiares. Enfim, quando voardes com as vossas próprias asas não esqueçais os vossos velhos pais. Nunca sabereis quanta soma de ternura o seu coração encerra a vosso respeito. Não decepcioneis pois os que tanto vos deram e manifestai-lhes a vossa afeição.

Confiança nos que vos cercam

Custa menos concederdes implicitamente a vossa confiança do que alimentardes uma suspeita geral. Aliás só os trapaceiros desconfiam de toda a gente!

Alguns adoptam uma atitude prudente — eu espero para fazer o

meu juízo! E enquanto esperam, desconfiam! Como é de esperar a sua própria desconfiança cria conflitos. Ora a confiança é necessária em todas as relações humanas. Como poderiam dois esposos entender-se se cada um desconfiasse do outro? Vive a Igreja em paz se os membros suspeitam do tesoureiro ou do pastor?

A priori concedei a vossa confiança. Depois, tolerai nos outros uma certa margem de faltas. Isso ajudar-vos-á a conservar intacta a vossa fé nos outros. E se, por infelicidade, alguém vos decepcionar, restar-vos-á o exemplo de Jesus que perdoou todas as traições de que foi vítima...

Um dia na South Park Avenue — concorrida via pública — uma fila compacta de carros que atingia quase 2 km de longo, obstruía completamente as artérias transversais. Como se estava numa hora em que todos tinham pressa de chegar a casa, os condutores tinham-se arranjado de tal modo que nem um pequeno espaço livre havia entre o pára choques do seu carro e o do carro que os precedia. Naturalmente, as reacções mais diversas, indo do simples aborrecimento ao risco de um ataque de apoplexia, liam-se no rosto dos imobilizados condutores.

De repente um deles parou, cedendo amavelmente a passagem aos veículos da outra fila. Uma expressão de imensa gratidão se estampou imediatamente na face do primeiro condutor que fez um grande cumprimento acompanhado de um franco sorriso. Em seguida enquanto avançava, o homem continuou a fazer, com intervalos, pequenos sinais de cabeça amigáveis. Inatenção desagradável, porém, pois que lhe valeu colidir com uma viatura da fila paralela. Este homem tinha recebido algo que já não esperava e estava por isso tão perturbado que a sua atenção fora distraída.

Concedei aos outros uma benevolência que saia um pouco do vulgar. Vê-los-eis alegrarem-se e manifestarem-vos uma amabilidade que a vós próprios vos disporá a concederdes ainda mais confiança.

Confiança em Deus

Guardámos para o fim a noção mais importante de todas, a confiança em Deus, com a esperança de que ela se gravará definitivamente em vosso espírito. É a confiança por excelência, a que deve florescer sobre todas as outras coisas e que permanecerá vossa consolação se todo o resto se desmorrar... «Não te deixarei nem te desampararei. E assim com confiança ousemos dizer: O Senhor é o meu ajudador e não temerei o que me possa fazer o homem». (Heb. 13:5, 6).

Ter confiança em Deus é ter fé de que somos salvos pelo sacrifício de Cristo. «Pelas Suas pisaduras fomos sarados». (Isa. 53:5). Basta-nos apenas crer para que Jesus tire o pecado de nós, à maneira de um cirurgião que opera o seu paciente dum tumor maligno. Que importa que ignoremos a maneira de realizar a operação! Se nós cremos, o prodígio realiza-se e a saúde moral é-nos novamente restituída.

A confiança em Deus consiste também em crer «que Ele é poderoso para vos guardar de tropeçar». (Judas 24). O facto de Espírito Santo habitar no coração não tem nada de ficção. A influência penetrante que disso resulta pode sem dificuldade varrer de vossa imaginação e de vosso coração todo o lodo que os embaraça e recriar em cada um de vós um aposento limpo, alegre, arejado e florido, cuja janela se abrirá para um céu azul. Abri-a de par em par e convidai o Hóspede (isto é, Jesus) a aí repousar!

«Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia.» (Sal. 46:1). Bastas vezes nós procuramos consolação junto dos fracos mortais, enquanto que Deus estaria pronto a vir em nosso auxílio. O mundo que não conhece a Deus esforça-se por esquecer os seus males na excitação, nos prazeres fictícios, nas aventuras amorosas. Mas a derrocada nunca se faz esperar. Só em Deus se encontra a permanência e a segurança.

QUINTA, 20 DE MARÇO DE 1958

EU SEI EM QUEM TENHO CRIDO...

Texto: «Porque eu sei em Quem tenho crido...» (2 Tim. 1:12).

Em nossos dias a existência mais invejável encontra-se cheia de problemas e perplexidades. A sociedade actual sofre de um mal incurável que lhe inflige mesmo o progresso da civilização. Este mal é uma insegurança crónica, dolorosa. Em todos os domínios se choca com a desconfiança, a dúvida, o cepticismo. O homem já não sabe a que mais se agarrar; e ele tem medo!

Resta-nos Deus

«Disse o néscio no seu coração: Não há Deus!» (Sal. 14:1). Temos de reconhecer, aflitivo que isso seja, que o cepticismo ganha terreno. Desde o cínico vulgar que toma Deus em zombaria, aos sábios ateus que ridicularizam as pesosas bastante ingénuas para acreditar na narrativa da criação, constata-se, em todas as esferas da sociedade uma rejeição colectiva do divino e da moralidade em geral. Os que ainda admitem um Deus relegam-no para o lado e recusam-lhe qualquer interferência nos negócios humanos. Com efeito a sua filosofia não difere sensivelmente da dos ateus. A nossa geração cultiva, a despeito da sua civilização extrema, um paganismo tanto mais nocivo quanto se julga esclarecido.

Todavia o universo inteiro regorgita de provas da existência de Deus. «Os céus declaram a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos». (Sal. 19:2). A própria marcha do universo, a admirável revolução dos astros, o mistério das nebulosas bastariam para atestar o poder infinito e a inteligência superior do Ser Supremo. Outras provas mais tangíveis são-nos oferecidas pelo cumprimento das profecias que, séculos antes, predisseram a queda dos impérios e o destino das nações, pela perenidade da família,

estabelecida no Eden, há seis mil anos, e que, se bem que alterada pelo pecado, ainda existe na sua forma primitiva, pela intervenção constante de Deus que «sustém os ventos» para que a humanidade não se entregue à auto-destruição. (Apoc. 7:1).

Princípios eternos

«...Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará.» (João 8:32). Os pioneiros do movimento adventista que possuíam um conhecimento profundo da Bíblia sabiam de cor os textos sobre os quais baseavam a sua fé. Nós contentamo-nos demasiadas vezes com um conhecimento superficial, onde a indagação pessoal já não tem lugar e que é imprópria para assentar as nossas convicções. A gravidade da hora presente deveria incitar-nos a fazer a nós próprios a pergunta seguinte: em que está baseada a minha fé?

A minha conversão pessoal

Perguntemo-nos também: estou realmente convertido? «Se não vos converterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus». (Mat. 18:3). Não é fazer prova de orgulho pessoal o possuir a certeza da sua própria salvação. Esta certeza constitui o inalienável direito de todos os cristãos. A dúvida acerca desta suprema esperança leva à inquietação e favorece a hipocrisia religiosa. O cristão nunca deveria adormecer sem a convicção interior de que os seus pecados estão perdoados. Esforce-se ele o máximo em todas as circunstâncias e Jesus encarregar-Se-á do resto.

Mas, perguntareis, em que medida poderá um ser carnal, partilhando das preocupações do seu século, conhecer uma existência pura? Com efeito é a sua atitude interior que determina a sua posi-

ção. Aquele que se arrepende e que crê na graça de Deus está de certo modo imunizado contra o pecado ambiente. Em Cristo encontra a força de lhe resistir.

A próxima vinda de Jesus

As experiências atómicas e a invenção da bomba de hidrogénio agitaram a humanidade com uma vaga de angústia e aumentaram o sentimento geral de insegurança. O homem está hoje detentor do poder de aniquilar a sua raça. Como consequência deste facto ele está acantadoado num beco sem saída: Destruição ou Redenção — não existe outra alternativa. Tanto num como noutro caso o fim está eminente.

Despertemos pois e sacudamos a nossa moleza! Em lugar de sonhar com a volta de Cristo com temor e reticência, regozijando-nos vagamente de que o Mestre «tarde virá», tínhamos a inteligência de compreender que a nossa civilização toca o seu fim e que Cristo virá no dia e na hora em que não pensarmos. Então «o servo que soube a vontade do seu senhor e não se aprontou, nem fez conforme a sua vontade, será castigado com muitos açoites». (Luc. 12:47).

A ignorância das multidões quanto à eminência deste importante acontecimento é realmente trágica. Mas muito mais trágicas são ainda a cegueira e a indiferença daqueles que foram devidamente advertidos mas que não conseguiram arrancar-se das concupiscências mundanas. O 24.º capítulo de Mateus e o 21.º de Lucas provam de uma forma suficiente que os tempos estão acabados e que a nossa preparação não vai ter mais nenhum prazo.

A nossa responsabilidade para com os outros

Esta preparação não é como muitos imaginam, exclusivamente

de ordem espiritual. Exige uma religião vivida, aquilo mesmo de que Cristo nos deu o exemplo. «E respondendo, o Rei lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes Meus pequenos irmãos a Mim o fizestes». (Mat. 25:40). Decerto já vos aconteceu exercerdes a vossa ironia sobre um companheiro menos favorecido do que vós, ou ridicularizardes os pequenos trabalhos de outrem. Os vossos amigos riram-se muito. Talvez tenham até invejado a vossa acuidade de espírito! Mas a vossa troça foi devidamente registada, e um dia dela vos serão pedidas contas!

«Portanto, se trouxeres a tua oferta ao altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta e vai reconciliar-te com teu irmão, e depois vem e apresenta a tua oferta.» (Mat.

5:23, 24). O amor e a caridade cristã primam pois as outras formas de piedade. «Se alguém diz: Eu amo a Deus, e aborrece a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu? E d'Ele temos este mandamento: que quem ama a Deus, ame também a seu irmão». (João 4:20, 21). A nossa benevolência para com os outros não deve seguir a flutuação do nosso humor. Deve ser constante, estabelecida sobre a base de contactos pessoais, amigáveis e destituídos de hipocrisia. Feliz daquele que pode afirmar com toda a lealdade: Nada tenho contra os meus irmãos!

Jesus, o Amigo supremo

Os que não tiveram a alegria de amar a Cristo sofrem de uma carência cuja importância não po-

dem avaliar. Estão com efeito frustrados das mais belas alegrias da existência. A comunhão com Cristo gera a bondade e portanto, a felicidade. «E vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne, e vos darei um coração de carne». (Éze. 36:26). Esta é uma das operações mais necessárias porque «enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso». (Jer. 17:9). Uma vez realizada esta paz interior, as mais belas virtudes cristãs poderão desabrochar: «Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus». (Mat. 5:16). Se amardes a Jesus não podereis deixar de tomá-lo por modê-lo. E tornar-vos-eis o testemunho vivo da transformação que Ele em vós realizou.

SEXTA, 21 DE MARÇO DE 1958

AONDE TU QUISERES SENHOR!

Texto: A quem enviarei, e quem há-de ir por nós?» (Isa. 6:8).

«E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura.» (Mar. 16:15). Esta ordem é de uma limpidez que exclui qualquer veleidade de interpretação. Deus ordena que a salvação pelos méritos de Jesus seja pregada a todos os homens, sem excepção. Cada crente da igreja depois de ter sido atraído para o Salvador, deveria por sua vez tornar-se um poderoso íman e atrair os seus irmãos no seu próprio campo magnético.

Esta boa nova não deve contentar-se com o cobrir o mundo. Deve penetrar tanto em casa dos ricos como dos pobres, propagar as suas ondas de atracção tanto através das maiores capitais como dos mais afastados lugares. Deve tornar-se

o mais precioso património de todos os povos da terra. Que pena nós não possuímos contadores Geiger capazes de assinalar as almas dispostas à salvação!

«A quem enviarei?» pergunta o Senhor. — Quem estará disposto a responder ao chamado, perguntamo-nos nós? A Bíblia ordena-nos solenemente que sejamos imitadores de Cristo. Ora, o Salvador deixou o Seu trono de glória para vir resgatar a humanidade perdida. Cada crente tem o dever de se inspirar do Seu exemplo.

«De sorte que somos embaixadores da parte de Cristo, como se Deus por nós rogasse. Rogamo-vos pois da parte de Cristo, que vos reconcilieis com Deus.» (II Cor. 5:20). Cada crente vê assinalar-se-lhe pelo céu uma determinada fracção de território. Já descobristes a vossa? Sereis vós o pregador entusiasta que arrasta as multidões ou a jovem tímida que em parti-

cular confia a felicidade que ela experimenta por pertencer ao Salvador? A salvação pode ser sugerida num sorriso, num gesto, numa mínima palavra. Relede a conversa de Jesus com a mulher samaritana junto ao poço de Jacob (João 4:1 a 26). A conversa versa naturalmente sobre a água do poço, donde Jesus extrai um símbolo. Depois a situação pessoal desta mulher—«disseste bem: não tenho marido, porque tiveste cinco maridos...» Mas, sob a banalidade das palavras, discerne-se um apelo à alma. E este apelo é tão vibrante, tão desprovido de todas as contingências terrestres a despeito das aparências, e também tão sugestivo, que a mulher galga as etapas e chega ao essencial: «Eu sei que o Messias deve vir...» Temos aí talvez, o mais notável exemplo de pregação de coração a coração.

«O campo é o mundo...» (Mat.

13:38). Isto equivale a dizer que nenhum lugar está excluído do nosso território. Mas, objectareis vós, as avenidas mais concorridas, as ruas, os parques públicos proibem iniciativas deste género. Então, é que convém descobrir o tipo de pregação adaptada às circunstâncias. Jesus falava diferentemente aos pobres e aos ricos. Mas tinha por uns e outros o mesmo amor, o mesmo ardente desejo de os salvar.

Partir

Por vezes a vocação missionária impõe a separação da família e dos amigos. «Mas, diz um Provérbio, há amigo mais chegado do que um irmão». (Prov. 18:24). Além disso não afirmou Jesus: «Eis que estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos»? (Mat. 28:20). Os que partem, mas que levam com eles a doce presença de Jesus nunca se sentirão sós, mesmo no meio das piores adversidades. O amor de Jesus é suficientemente grande e suficientemente exaltante para satisfazer todas as aspirações da alma.

Sacrificar o seu conforto

A maioria dos missionários vive em países onde o nível de vida é nitidamente inferior àquele a que estavam acostumados. Evidentemente que isso implica uma escala de pequenos sacrifícios pessoais. Nem todos os aceitariam com um entusiasmo delirante, mas a maioria dos missionários consentem-nos sem a menor amargura. Aliás uma grande compensação lhes é oferecida e essa é que, pregando Cristo às populações mais atrasadas, levam-lhes o único verdadeiro factor de progresso, aquele que assegurará a sua prosperidade imediata e a sua felicidade futura.

Nem ouro nem prata

Os ambiciosos, os aventureiros, as pessoas desejosas de adquirir prestígio não encontrarão na vocação missionária nada que responda

às suas profundas aspirações. Pelo contrário, obedecer ao chamado de Deus significa muitas vezes praticar a renúncia e o esquecimento de si próprio. Não há pior erro do que aceitar um apelo fazendo antecipadamente a conta dos proventos pessoais. «Se alguém quiser vir após Mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-Me». (Mat. 16:24).

O missionário por vocação está bem acima das considerações materiais. Quando responde ao chamado deixa sem lamentações supérfluas tudo o que representava a sua vida até então; fá-lo sem ostentação, sem bravata, sem armar em herói ou mártir. A sua aceitação é ao mesmo tempo completa, resignada e entusiasta.

É necessário que Ele cresça e que eu diminua

A preocupação mais lancinante do missionário prestes a partir é o receio de se sentir perdido no meio de populações duplamente estranhas (pela raça e pelas crenças). Pode, com efeito, acontecer que o missionário, longe das afeições dos seus e da amizade dos irmãos, sinta por vezes um sentimento de solidão e abandono. Ninguém está absolutamente isento das fraquezas da carne. O próprio Cristo experimentou este sentimento de completa solidão quando exclamou: «Deus Meu, Deus Meu, por que Me desamparaste?» Mas convém lembrar que Jesus pronunciou estas palavras no momento da Sua maior vitória, e que se elas atestam um cansaço infinito, não exprimem nem amargura, nem desânimo.

Deve acontecer o mesmo conosco. Quando realizarmos algo de grande para Deus, Satanás es-

forçar-se-á por nos tirar a satisfação que daí resulta. Devemos pois aprender a apenas ter em conta o êxito da nossa missão, isto é, a difusão do Evangelho de Cristo. Inspiremo-nos do exemplo de João Baptista que se apagava a si mesmo, identificando-se com uma simples «voz» encarregada de preparar o caminho do Senhor; a grandeza de João Baptista reside na sua voluntária humilhação.

Aptidões requeridas

Nomearemos quatro. O que as possuir todas tornar-se-á um precioso obreiro para a causa de Deus.

1. *Faculdade de adaptação* — Aptidão rara mas necessária ao missionário — indispensável até! Bruscamente transplantado num meio estranho de que ignora os costumes e a língua, o missionário deve saber vencer as suas repugnâncias e apenas manifestar o seu amor. Em resumo, deveria ter algo de maleabilidade de borracha. Fica então certo de que as pessoas que deseja ganhar o adoptarão e por outro lado enquanto se familiariza com um modo de vida diferente ele aperfeiçoa a sua cultura.

2. *Vistas largas* — As pessoas de mentalidade tacanha nunca darão bons missionários. É preciso saber, como o apóstolo Paulo, «ser tudo para todos». Os representantes de Cristo devem saber olhar para além do seu campo visual e considerar a seara que amadurece em todo o mundo.

3. *Um espírito zeloso* — Os obreiros de Deus não deveriam contentar-se com um entusiasmo vulgar mas deveriam possuir um santo zelo comparável ao de David quando avançou diante do gigante Goliath, isto é, uma mistura de fervor e de audácia capazes de assegurarem o triunfo de Jesus.

4. *Uma grande capacidade de amor e benevolente compreensão* — Esta aptidão pode compensar por si só a ausência parcial das outras. É ela que ajudará o missionário a

~~~~~  
Este número foi visado  
pela Comissão de Censura  
~~~~~


debruçar-se sobre as feridas repugnantes, que o ajudará a estabelecer um caloroso contacto pessoal com pessoas que lhe são estritamente estranhas. Servir Cristo significa a) desenvolver a sua piedade pessoal em vista do testemunho cristão e pelo estudo das Escrituras; b) trabalhar na salvação de pecadores. Acrescentemos que a segunda consideração é estricção da função da primeira. Como dizia um pastor: «Contentai-vos com o pregar o Evangelho e as almas se materializarão nos bancos de vossos templos».

A duração do serviço

Perguntamo-nos por vezes qual é a duração do compromisso de trabalhar nas missões. Uma duração ilimitada! «Então disse eu: Até quando, Senhor? E respondeu: Até que se assolem as cidades e fiquem sem habitantes e nas casas não fique morador, e a terra seja assolada de todo». (Isa. 6:11).

Sobreviera uma catástrofe no mar e a equipa de um barquinho de socorro tinha-se feito ao mar para ir em auxílio dos náufragos.

Mas o mar, calmo no momento da partida, tornara-se furioso e as enormes vagas ameaçavam submergir a pequena embarcação.

— Capitão, gritou um dos marinheiros, como conseguiremos voltar?

— Devemos nós fazê-lo? perguntou o capitão.

— Mas estamos perdidos, não podemos alcançar a costa!

— O nosso dever não consiste em alcançar a costa, mas em fazer-nos ao largo! concluiu o capitão.

SÁBADO, 22 DE MARÇO DE 1958

EU VENÇO

Texto: «Mas em todas estas coisas somos mais do que vencedores, por Aquele que nos amou». (Rom. 8:37).

Poucas empresas na Terra começam com a certeza prévia da vitória. O triunfo do bem sobre o mal será com certeza um facto. Com efeito, os seguidores de Cristo são chamados «mais do que vencedores». Isto é ainda mais notável quando se considera as dezassete forças sobre as quais o homem de Deus é vitorioso. São elas: tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo, espada, morte, vida, anjos, principados, potestades, presente, futuro, altura, profundidade e alguma outra criatura. Isto é, com efeito, uma pretensão ambiciosa. Se ela puder ser realizada é na verdade o maior feito da história, quer humana quer celestial. Examinemos, pois, este assunto da vitória.

A Promessa de Vitória

As promessas de vitória são numerosas. Apenas podemos considerar algumas. «Filhinhos, sois de Deus, e já os tendes vencido; porque maior é o que está em vós do que o que está no mundo». (I João 4:4). «Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e

esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé». (I João 5:4). «E graças a Deus, que sempre nos faz triunfar em Cristo, e por meio de nós manifesta em todo o lugar o cheiro do Seu conhecimento». (II Cor. 2:14). «Pois tu, Senhor, me alegraste com os Teus feitos; exultarei nas obras das Tuas mãos». (Salmos 92:4).

Estas promessas de Deus unidas sem comentários gravam a sua mensagem de esperança no coração. O pecado pode ser vencido, dominado, conquistado. A derrota não é necessária nem inevitável. É uma mentira do diabo que argumenta: «Nascestes pecador e portanto terás sempre de pecar. Poderás abandoná-lo hoje mas amanhã voltarás a ele. Mais vale desistir».

Desiste e a tua destruição será certa. Desiste e o teu destino estará selado. Satanás sabe isto; foi por isso que ele literalmente cobriu a terra com a sua filosofia de negativismo e derrota. Foi assim que ele despojou a humanidade da sua faculdade de raciocinar, enfraqueceu a sua resistência e dominou sobre o seu corpo através de todos os tempos.

Nem todos no entanto têm aceitado os seus sofismas. Alguns têm ousado acreditar nas poderosas

promessas de Deus e têm assim experimentado que o Senhor livra. Não mais caminham nas trevas; marcham na estrada da vida com o passo firme dos vencedores. Eles preferiram a coroa recamada de estrelas do Cristo Vitorioso às pobres cinzas mortíferas que Satanás lhes oferecia. São filhos do Rei e herdeiros de um outro mundo. Aceitaram de seu Redentor o repto de «viver sóbria, justa e piamente neste presente século». E negam a impiedade e as concupiscências mundanas, inspirados pela esperança do aparecimento em glória do grande Deus e Salvador, Jesus Cristo.

O propósito da nossa vitória

O objectivo de todas as actividades espirituais é a glória de Deus. A mais elevada de todas as aspirações humanas é honrar o Seu santo nome. Nós somos feitos vencedores a fim de que o nome de Deus possa ser reivindicado perante toda a criação. As nossas vitórias são portanto Suas. «Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que eles possam ver as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus». (I Mat. 5:16).

HINO PARA A SEMANA DE ORAÇÃO M. V.

O GALARDÃO DOS JOVENS

*Vem dedicar-te! Ó mocidade!
À obra santa lancemos mão!
Antegozando felicidade
Que só os santos alcançarão.*

*A hora é tarde! Ó mocidade,
Vem, jovem, antes de o Sol se pôr!
Não te demores, vem logo, atende
O amante Mestre e Salvador*

*No fim da safra, traremos molhos,
Serão as almas que Deus nos deu;
Ao levantarmos os nossos olhos
Veremos Cristo descer do céu.*

*A alegria que Deus prepara
Para os remidos já começou:
Um movimento que não mais pára
Na mocidade que Deus salvou.*

Melodias de Vitória, 112.